



Foto: Daniela Toviansky

Samuel Moraes Kerr

O coral na potência máxima

Criador do conceito de **coro-cênico**, ele levou sua **experiência** na regência de **grupos** de cantores tanto ao **erudito** ambiente do **Theatro Municipal** de São Paulo quanto ao musical **Jesus Cristo Superstar**.

ENTREVISTA A Alice Giraldi

O maestro Samuel Kerr está chegando aos 80 anos, mas aparenta muito menos. Em cinco minutos já emite a primeira das muitas gargalhadas que pontuarão a conversa. Talvez o segredo para tanto bem-estar esteja em trabalhar com o que se gosta – e trabalhar bastante. Kerr é considerado um dos mais influentes regentes e arranjadores de coro da música brasileira. Premiado duas vezes pela Associação Brasileira de Críticos de Arte, durante décadas dirigiu o Coral Paulistano, do Theatro Municipal de São Paulo, foi diretor da vanguardista Escola Livre de Música (SP), ajudou a organizar o Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da Unesp e criou o coral da universidade. Como regente de coros amadores, introduziu a MPB nos repertórios, explorou pioneiramente os recursos cênicos e experimentou o conceito de que cantores também podem ser atores.

Aposentado das atividades do IA, continua na ativa, como integrante do Painel Funarte de Regência Coral. Em sua casa, ao lado do antigo piano, ele concedeu a seguinte entrevista:

UC Quais são as suas principais influências musicais?

KERR Costumo dizer que estou no coro desde a barriga da minha mãe. Meus pais, Warwick e Ondina, cantavam no coro da Igreja Presbiteriana Unida, em São Paulo, e me levavam para os ensaios junto com eles. Quando eu era uma criança de colo, também ia para o ensaio do coro com meus pais. Quando engatinhava, lá estava eu no ensaio do coro, ao lado da pedaleira do órgão. Então cresci no meio do canto coral. A irmã do meu pai era pianista, uma prima, também. Então tínhamos uma história musical na família. Foi por esse motivo que meu pai decidiu

comprar um piano quando fomos para a Inglaterra, em 1948.

UC Em que circunstâncias aconteceu essa viagem para a Inglaterra?

Kerr Meu pai foi o primeiro gerente bra-

Meus pais cantavam na igreja e eu cresci no meio do canto coral. Engatinhava no ensaio do coro, ao lado da pedaleira do órgão

Samuel Kerr, sobre as origens do seu interesse pelo canto coral



Com colegas no jardim da Escola Livre de Música, 1957. Kerr está acima, à direita

O que dizem

sobre Samuel Moraes Kerr

Marisa Fonterrada

Professora do Instituto de Artes da Unesp

Dividimos sonhos e utopias em grupos corais, cursos, projetos e escolas como o Instituto Musical São Paulo e o Instituto de Artes. Em todos testemunhei as características que tornam Samuel tão especial: sensibilidade, talento e imensa compreensão do ser humano. E também sua capacidade de exercer uma liderança compartilhada, em que todos se unem por um objetivo comum.

Gisele Cruz

Professora e regente de corais

Conheço o Maestro há 35 anos. Suas aulas traziam descobertas, desafios, momentos estéticos arrebatadores. Eram um laboratório onde aprendi sobre o mundo e sobre mim mesma. Aprendi que não é possível ensinar se não amamos o que fazemos, e que é muito difícil aprender se não admiramos aquele que nos ensina.

sileiro da Rogers, uma firma inglesa que tinha uma unidade no Brasil. Todos os gerentes ingleses passavam férias lá. Então, meu pai decidiu seguir a tradição: pôs os três filhos e a mulher num navio – o Byron, lembro-me até hoje – e lá fomos nós para a Inglaterra! O Byron era um misto de cargueiro com navio de passageiros. Foram 22 dias de viagem. Antes de voltarmos, meu pai comprou o piano, que trouxemos para o Brasil no compartimento de carga. Com o piano em casa, comecei a estudar com a minha prima Elisa Kerr Salem. Eu estudava feito um louco, todos os dias, tocava a tarde toda quando voltava do colégio.

UC Sua família é composta por imigrantes americanos?

Kerr É, sim. Meu avô era norte-americano, veio para cá em 1867, acompanhado da minha bisavó e de um tio-avô. Vieram no primeiro navio que trouxe uma leva de americanos para o Brasil, o Marmion. Foram recebidos por D. Pedro II porque era interesse do Império trazer os americanos para ajudar na agricultura, já que nos EUA havia técnicas e instrumentos agrícolas que ainda não existiam no Brasil.

UC Em que momento de sua vida o senhor decidiu seguir a carreira musical?

Kerr Sempre gostei de desenho e sempre desenhei. Então o meu dilema foi, de uma certa forma, decidir se eu ia para a rua Sergipe, estudar música na Escola Livre de Música, ou para a rua Maranhão, para estudar arquitetura na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), em Higienópolis. Acabei decidindo pela rua Sergipe. Àquela altura, no final dos anos 1960, eu estava tão envolvido com a música – era organista da igreja – que o seu chamado foi maior.

UC A Escola Livre de Música tinha uma proposta avançada para a época. Como foi essa experiência?

Kerr Maravilhosa! Era uma escola de vanguarda, de moldes absolutamente revolucionários naquele tempo. E de altíssimo nível, fundada pelo (compositor e regente Hans-Joachim) Koellreutter. Para você ter uma ideia do vanguardismo, a primeira exposição da Tomie Ohtake foi organizada nas salas da Escola, em 1957.

UC E a oportunidade de fazer um curso com o regente americano Robert Shaw no final dos anos 1960, como surgiu?

Kerr O Shaw era um regente fantástico, uma referência coral nos EUA. Ele tinha vindo ao Brasil e feito dois concertos memoráveis no Theatro Municipal de São Paulo. Naquela ocasião, o coro regido pelo Klaus Dieter Wolff cantou para o Shaw, que resolveu dar uma bolsa para o Dieter Wolff estudar com ele nos EUA. Acabei indo junto, por iniciativa do maestro Roberto Schnorrenberg, que foi meu professor na Escola Livre de Música e conseguiu uma bolsa para mim também. O curso foi uma experiência muito forte, um encontro. Me identifiquei muito com o Shaw e sua maneira de associar a alta qualidade técnica a muito carisma na condução do trabalho. Ele dizia que o canto coral é para envolver as pessoas, para que elas sintam-se felizes cantando. Eu concordo.

UC Como chegou à Unesp?

Kerr Na década de 1970, o Paulo Nathanael (de Souza Pereira), Secretário de Educação e Cultura, me recomendou para ser professor no IA, que estava se formando.

Acontece que eu não tinha formação acadêmica. Vinha da Escola Livre de Música, odiava os diplomas, os conservatórios... Enfim, tudo errado! Então prestei o vestibular para o Instituto Musical de São Paulo, entrei como aluno especial e fiz a minha graduação em Composição e Regência. Entrei na Unesp como professor em 1977 e participei dos primórdios do IA, organizando o departamento de Música.

UC O senhor foi regente de corais de amadores, como o dos estudantes da Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo. Como é reger cantores não profissionais?

Kerr Todo mundo tem o direito de participar de uma experiência musical. No coro amador, o maestro não tem de selecionar quem pode participar ou não; quem quiser cantar, vem e canta. A experiência de reger o coro amador é maravilhosa: você tem um contato direto com a pessoa, pode esculpir a voz! Sobre o coro da Santa Casa, nunca vi um coro tão alegre. Trabalhei nele durante dez anos e foi uma experiência fundamental na minha formação.

UC O senhor é citado como o criador do “coro-cênico”. Como o senhor descreveria essa modalidade de coral?

Kerr Todo coro é cênico, porque, na medida em que se está no palco, se está em cena. Mas, quando você toma consciência dessa cena, passa a pensar em como se apresentar. Daí, a consequência é cuidar do figurino, do cenário, da luz e, até mesmo, da ideia de contar uma história, com os cantores se tornando atores. A história do coro-cênico começou em 1973, quando o coral da Santa Casa voltou de férias e retomou os ensaios. Àquela altura o coro não tinha mais estrado, porque durante as férias a faculdade havia pintado a escola e tinha usado o estrado para fazer andaimes; e não tinha mais uniformes também, porque uma aluna engordou, outra emagreceu, um aluno novo chegou e não havia mais o tecido igual para comprar. Então eu perguntei para o coral: “Quem tem um colega que estuda arquitetura?” Minha ideia era pedir para um estudante de arquitetura ajudar com



Início dos coros-cênicos no Auditório Ruy Barbosa, no Mackenzie, 1973

os andaimes e os uniformes. Aí um dos alunos respondeu que tinha um amigo que estudava na FAU. Esse aluno fazia uma disciplina chamada Programação Visual, e o professor era nada menos que o Flávio Império (cenógrafo, arquiteto e artista plástico)!

O Flávio sugeriu que os integrantes buscassem as roupas no baú da avó. O resultado foi que cada um se vestiu de um jeito: tinha anjinho, noiva, árabe, de tudo! Ele também orientou que o pessoal trouxesse baús, caixas, tábuas. Sob a orientação do aluno, montamos a cenografia. Na época, ensaiávamos a música *O ano novo*, do Chico Buarque, cuja letra

dizia: “O rei chegou, e já mandou tocar os sinos...” O pessoal do coro entrava pela plateia, trazendo os caixotes, e conversava com o público. Depois, subia no palco e montava o estrado com os caixotes, na frente do público. Era algo que não se fazia em coral na época. Há quem diga que aí começou o coro-cênico e que eu sou o culpado por isso (gargalhada)!

UC O senhor também regeu o coro do polêmico musical *Jesus Cristo Superstar*, em 1972. Como foi essa história?

Kerr O Paulo Herculano foi meu colega na Escola Livre de Música e tornou-se meu amigo. Em algum momento, os caminhos dele o levaram ao teatro, onde fez coisas pontuais. *Jesus Cristo Superstar* era uma tarefa muito grande, porque naquele tempo não se tinha a prática de fazer musicais. Ele não quis fazer aquilo sozinho e me arrastou para lá. Nós nos revezávamos na regência. Um crítico carioca que veio a São Paulo assistir ao último ensaio geral escreveu que aquele era “um grande momento do teatro brasileiro”.

UC Quais são as suas atividades atuais?

Kerr Finalmente estou me dedicando ao desenho. Entrei no curso do Evandro Carlos Jardim (desenhista, gravador e pintor) e estou desenhando todos os dias! **UC**

